

Produzir Fruto Espiritual É Impossível

João 15.1–11

Introdução

No estado do Texas, Estados Unidos, existe um poço de petróleo chamado Poço de Yates. Durante a Grande Depressão no início na década de 1930, esse terreno não passava de um pasto de ovelhas e pertencia a um fazendeiro chamado Yates. Yates não lucrava muito com o seu sítio e criação de ovelhas; sobrevivia, como muitos, com o subsídio do governo. Mês após mês, enquanto criava suas ovelhas, se preocupava como faria para pagar as suas contas.

Daí, um grupo de sismólogos de uma grande companhia de petróleo apareceu no sítio de Yates e lhe informou que possivelmente havia petróleo no seu sítio. Em seguida, pediram permissão para cavar um poço-teste. Ele concordou. O grupo cavou e encontrou uma reserva de petróleo que produzia cerca de 80 mil barris por dia. Trinta anos depois da descoberta, o governo realizou outro teste e descobriu que aquela reserva ainda produzia 125 mil barris por dia. E Yates era dono de tudo. No dia em que comprou a terra, ele recebeu junto com ela o petróleo e todos os direitos minerais, apesar de muitos anos ter necessitado de ajuda financeira. Ele tinha a potencialidade e a posição de um multimilionário, mas experimentava a pobreza. Por quê? Ele não sabia que o óleo estava lá; era o dono, mas não possuía aquele bem.

Não consigo pensar numa melhor ilustração para o problema que os crentes enfrentam hoje. Fervorosamente buscando a aprovação de Deus e tentando fazer algo em suas vidas por meio de seus esforços carnavais, eles planejam, decidem, juram e trabalham, porém ainda estão pobres; a pobreza espiritual ainda os assola.

Se for para aprendermos algo hoje, devemos aprender, ou relembrar, a seguinte lição: o crente vitorioso e frutífero não é um subproduto de seu melhoramento pessoal. Fruto espiritual não é consequência da melhoria de nossos recursos; fruto espiritual resulta do ato de descansar em nosso relacionamento, utilizando aquilo que já é nosso.

João 15: Um Panorama

De acordo com João 15, nosso relacionamento com o Filho de Deus resultará em três coisas. Deixe-me fazer um panorama rápido.

1. Primeiro, existe o privilégio de produzir frutos (vv. 1–11).
2. Segundo, existe a recompensa da amizade (vv. 12–17).
3. Terceiro, existe a dor de ser deixado (vv. 18–27).

Essas três experiências são a porção de todo crente, de uma forma ou outra.

João 15.1–11: Introdução

Quando você estuda sua Bíblia, dependendo da passagem que esteja lendo, a Bíblia pode servir de diversas formas. Veja:

1. Primeiro, a Bíblia serve como uma espada que perfura o seu coração e revela as suas intenções.
2. Segundo, a Bíblia serve como uma janela que permite vermos um panorama da história da humanidade, do caráter e das qualidades de Deus, e da glória da cruz.
3. Terceiro, a Bíblia serve como um espelho e, quando você olha para as páginas da Bíblia, fica cara a cara consigo mesmo. Você se depara com sua depravação e mais profundas necessidades, como também com as áreas nas quais precisa melhorar.
4. Quarto, finalmente (mas igualmente importante), o Espírito Santo, usando a Bíblia, fornece a você um modelo, mostrando qual a intenção de Deus para sua vida e o que ele deseja de você. A Bíblia retrata todos os seus privilégios e, caso esteja lendo-a dessa maneira, já descobriu que você é, potencial e posicionalmente, um multimilionário.

O desafio é transformar o nosso potencial em ação.

Algo maravilhoso acerca do Maior Mestre, Jesus, é que ele faz conosco a mesma coisa que fez com seus primeiros discípulos: ele nunca apresenta um modelo de Cristianismo sem providenciar os meios. Caso contrário, tudo seria uma grande frustração para nós. Ele seria como o Faraó egípcio que exigiu mais tijolos dos escravos israelitas, mas, ao mesmo tempo, parou os caminhões de entrega que levavam a palha. Ou seria como um pai exigindo que seu filho faça o primeiro gol do

campeonato, mas não o deixa treinar. Seria como um mãe exigindo que sua filha faça suas próprias roupas, mas não a deixa usar a máquina de costura.

Em João 15, vemos um dos maiores desafios da vida cristã. À primeira instância, é desanimador, mas, quando olhamos mais de perto, é algo encorajador porque não somente mostra o modelo, mas revela os meios para atingirmos esse modelo.

Vamos ler os versos 1 a 11. A propósito, vemos nessa passagem a última cláusula dos vários “EU SOU” declarados por Jesus no Evangelho de João:

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado; permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam. Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quizerdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos. Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço. Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.

Os versos que acabamos de ler se encaixam dentro do que os princípios de interpretação bíblica chamam de alegoria. Ou seja, essa passagem é uma metáfora prolongada—uma figura de linguagem que conecta o estudante com as cores e dramas do ambiente cultural da época. Somos colocados naquele contexto como um dos objetos.

Nessa alegoria, o leitor é convidado a entrar numa vinha da Palestina. Vemos de imediato que o Dono é Deus o Pai; a enorme vinha é o Senhor Jesus; e os muitos galhos pendurados carregados com suco de uva são os crentes. João 15 é, provavelmente, uma das alegorias mais conhecidas na Bíblia. O Salmo 23 é outra alegoria bastante famosa.

Agora, quando você estuda a Bíblia, descobre os diferentes veículos que carregam verdades. Veja alguns exemplos: hipérbole, símile, parábola, alegoria e demais figuras de linguagem.

Eu li o livro de Roy Zuck intitulado *Princípios Básicos de Interpretação Bíblica* que contém, na verdade, conteúdo ensinado no seminário pelo Dr. Zuck. Li novamente algum material de seu volume. Dessa vez foi bom porque sabia que não teria que fazer uma prova no dia seguinte. Roy Zuck forneceu duas advertências na seção sobre alegorias que repassarei a você agora. Faço isso porque João 15 tem a potencialidade de ser mal interpretado e gerar uma teologia distorcida, caso não interpretemos esse texto corretamente. Na verdade, acabamos de ler no versos 2, 5 e 6 que, se não produzirmos muitos frutos, devemos temer o fogo.

1. A primeira advertência é: não tente interpretar detalhes em alegorias que não foram explicados.

Por exemplo, na alegoria da casa sendo construída pela sabedoria em Provérbios 9, não

precisamos nos perguntar o que a carne, a mesa e as empregadas representam. Não foi explicado no texto, portanto, eles não são necessários para o entendimento da ideia principal da alegoria.

Muitos pontos em João 15 jamais são explicados. Então, já que se trata de uma alegoria, o Senhor não estava preocupado com os detalhes, mas sim com a ideia principal. Daqui a pouco olharemos o ensino principal.

2. A segunda advertência é: não tente dar significado espiritual a cada detalhe da alegoria.

Esse foi, na verdade, exatamente o erro que deu início ao que é chamado Método Alegórico de Interpretação Bíblica. Nesse método, o intérprete faz uma conexão espiritual e teológica com cada detalhe. Esse método volta até Orígenes no século segundo d.C., o qual afirmava que a Bíblia tinha um significado escondido. Dessa maneira, com as muitas alegorias dos teólogos, o jumentinho que Cristo montou passou a simbolizar o Antigo Testamento e o filhotinho vindo atrás era o Novo Testamento. No livro de Rute, o campo é a Bíblia, Rute representa os estudantes da Bíblia e os ceifeiros são os professores. Ou, como muitos teólogos convenientemente afirmam, o filho pródigo voltou para casa e a casa representa a igreja.

A tragédia do Método Alegórico de Interpretação Bíblica é que, no fim, conduziu, entre outras coisas, à Idade das Trevas. Não somente existiu um período histórico denominado Idade das Trevas, mas também um período de trevas na igreja, e eles coincidiram. Durante a Idade Média, a Bíblia se tornou um livro fechado para as massas, isto é, a população em geral. O povo ignorante não podia, certamente, entender as coisas profundas de Deus. A essa altura da história, o povo comum dependia totalmente dos sacerdotes, padres e teólogos para

realmente entender esse livro misterioso. Em certas catedrais, a Bíblia era até acorrentada ao púlpito. As pessoas em geral tinham medo da Bíblia; era algo intocável. Como resultado, a Igreja organizada distorcia o conteúdo da Bíblia e a manipulava, de forma a dizer o que a Igreja quisesse, a fim de controlar o povo.

Foi somente a Reforma Protestante que arrancou a Bíblia dos púlpitos das catedrais e das ordens secretas, trazendo por terra o método alegórico de Orígenes. E foi um monge corajoso, chamado Martinho Lutero, que, no início de 1500, lançou um movimento que acabou colocando a Bíblia nas mãos do povo. Martinho Lutero, que dificilmente falava uma palavra, escreveu: “Alegorias são especulações vazias e se tornaram a escória das Escrituras.” Ele também disse: “As alegorias de Orígenes não valem de nada!”

O importante de entender é que, na alegoria, os detalhes não carregam nenhuma verdade teológica escondida; eles são simplesmente parte da história para dar vida e fornecer aspectos culturais.

Quando chegamos ao texto de João 15, versos 1 a 11, ou qualquer outra alegoria, a pergunta a fazer é: “Qual é a ideia principal e o propósito do ensino de Jesus? Qual é o ponto principal?” Quando descobrir, fique só com isso. Controle sua imaginação por um pouco.

Essa alegoria diz que nós somos galhos que produzem fruto. Isso significa que precisamos de bastante água e luz do sol? Porventura, essa alegoria quer ensinar que, assim como as uvas são dadas em cachos, nosso fruto também será em grande quantidade e nunca um a um? E, mais sério que isso, será que Jesus quer dizer que, se eu não produzir fruto, serei cortado do corpo de Cristo e lançado no fogo do inferno? É isso o que o verso 6 parece dizer:

Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.

Nossa! Imagine só um crente pensando: “Se eu não produzir fruto, vou acabar indo para o inferno!” Primeiro, isso é inconsistente com o ensino de nos tornarmos parte do corpo de Cristo. Eu não me tornei parte do corpo de Cristo porque produzi bons frutos. Então, será que Jesus está ensinando que eu devo produzir fruto para permanecer no corpo? Não. Isso também é inconsistente com outros textos bíblicos que claramente explicam o assunto. Paulo escreveu em Romanos 7: “O que não quero fazer, eu faço e o que quero fazer, não faço.” Daí ele diz no verso 24: ***Quem me livrará do corpo desta morte?*** Em outras palavras, Paulo luta com a sua falta de fruto. Ele sabia que podia fazer mais. Ele continua dizendo no capítulo 8, verso 1: ***Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.*** O importante em João 15 é que Jesus não ensina sobre “filiação;” ele faz uma alegoria com o ato de produzir frutos.

Li recentemente alguns comentários de teólogos que dissecam cada verso como Orígenes, retirando significados teológicos aqui e ali, desenvolvendo analogias a partir de cada mínimo detalhe. Eles se esqueceram de que se trata de uma alegoria—uma metáfora que deve ser interpretada como metáfora.

O Salmo 23 é outra alegoria ou metáfora prolongada bem conhecida. É-nos dito que somos a ovelha e que o Senhor é o pastor. O ponto principal da alegoria é que, assim como uma ovelha recebe cuidados do pastor, também nós recebemos os cuidados de Cristo. Mas o Salmo 23 diz no verso 2:

Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso.

Vou aplicar cada detalhe literalmente? Será que Deus me presenteará com um lote de três hectares coberto de pasto verde com um lago no meio? Não! Isso é perder totalmente a ideia da alegoria.

O ensino de João 15 é que devemos reconhecer Cristo como nossa fonte de vida e, à luz disso, produzir fruto. Se não produzirmos fruto, seremos inúteis à causa de Cristo, assim como um galho seco que não produz fruto é inútil para uma videira. A interpretação literal das Escrituras não recusa o fato de que existe linguagem metafórica na Bíblia; ela simplesmente interpreta alegoria como alegoria conforme o próprio texto indica, buscando entender a verdade principal sem se deter nos detalhes.

João 15.1–11: A Ideia Principal

Com tudo o que foi dito, fica a pergunta: O que Jesus pretendeu que os primeiros discípulos entendessem com essa alegoria? Quais são os pontos legítimos de comparação entre a vida do crente e a vida da videira?

1. O primeiro princípio é: a produção de fruto espiritual é resultado direto de um relacionamento. Ou seja, a chave para que um ramo produza fruto é sua dependência e relacionamento com a videira.

Veja novamente João 15, versos 4 e 5:

Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

Parte de nossa mediocridade espiritual vem do fato de que estamos convencidos de que podemos

produzir fruto; então, continuamos sempre tentando. Mas a verdade é que *nós não podemos produzir fruto; podemos apenas carregar o fruto*. Como Andrew Murray escreveu:

O ramo não é nada mais do que uma prateleira onde os frutos da videira estão pendurados. É a seiva da videira correndo pelos ramos que produz fruto. Da mesma forma, é a vida de Cristo fluindo em nós que produz algo de valor.

Paulo coloca isso da seguinte maneira em Filipenses 1, verso 6, e Filipenses 2, verso 13:

...aquele que começou boa obra em vós há de completá-la... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar

A maioria dos crentes crê sinceramente que a salvação é obra da graça de Deus, mas crescer como filho de Deus depende de você mesmo: “Certo, Senhor, existem três áreas na minha vida que irei endireitar. Deixe-me ver... como me saí hoje? Qual o meu relatório de progresso?” Daí, você prega uma lista do fruto do Espírito na sua geladeira ou no seu carro. Pensa: “Vamos ver... esta semana é a semana da paciência. Senhor, vou desenvolver essa característica da paciência em minha vida.” Sabe o que vai acontecer? Você terá guerra a semana inteira.

Estou convencido de que, se buscar o fruto do Espírito, um de cada vez, quando chegar ao final da lista você já terá perdido sua paciência e seu amor. Por quê? Porque, pela graça de Deus, ele não permitirá que você realize sozinho aquilo que ele mesmo já disse que somente ele pode fazer em você. Por esse motivo o fruto é chamado de fruto do Espírito. Não é fruto de João, Maria ou José; é o fruto do Espírito de Deus. A única coisa que posso ser é um ramo disponível, no qual o seu fruto—sua

vida, sua força, sua paciência, e paz, e amor—e seu caráter seja revelado.

Jesus Cristo está no processo de transformar as coisas e fazer uma inversão típica. A condição para cada crente não é que seja forte, mas que não tenha força alguma; não é que precisemos de pouca ajuda, nós simplesmente somos impotentes. Paulo disse em Filipenses 4, verso 13: ***Tudo posso naquele [Cristo] que me fortalece.***

Em João 15 o Senhor disse a mesma coisa de maneira diferente. Veja o verso 5, onde Jesus diz: ***porque sem mim nada podeis fazer.*** Podemos fazer talvez algo ou poucas coisas? Não. Cristo diz que não podemos fazer absolutamente ***nada*** sem ele. A ideia é: não estamos simplesmente aleijados; estamos totalmente paralisados.

Veja novamente o capítulo 15 e sublinhe um dos dois principais pontos da alegoria de Jesus:

Permaneça em mim	v. 4a
Permanecer na videira	v. 4b
Permanecerdes em mim	v. 4c
Quem permanece em mim	v. 5b
Permanecer em mim	v. 6a
Permanecerdes em mim	v. 7a
Minhas palavras permanecerem em vós	v. 7b
Permaneça no meu amor	v. 9b

De novo, a ideia principal dessa alegoria pode ser vista na repetição da expressão “permanecer em mim.” Isso significa permanecer em comunhão com Cristo. E, quando nós temos comunhão com Cristo, ele nos dá a sua insígnia—o selo que revela nosso relacionamento. O verso 8 diz claramente:

Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos.

O selo do discípulo verdadeiro é o fruto.

De fato, de acordo com a mente de Cristo, quando sua vida flui em nós e através de nós, o segundo princípio vem à tona.

2. O segundo princípio é o seguinte: a produção de fruto espiritual é o resultado esperado de nosso relacionamento.

A ideia principal dessa alegoria é permanecer e produzir frutos. Você também pode sublinhar as diversas vezes em que Jesus menciona a ideia de “produzir fruto.” Veja os versos 7 e 8 novamente:

Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos.

Agora, será que ele fala de uvas aqui? Não. Jesus se refere a fruto espiritual. É interessante que a metáfora do fruto é usada por todo o Novo Testamento. Por exemplo, quando você louva e agradece a Deus por alguma coisa, seus lábios estão produzindo frutos. Veja Hebreus 13, verso 15:

Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.

Quando você reconhece o controle de Deus sobre suas finanças e dá uma oferta à obra do Senhor, suas ofertas são consideradas como frutos. Em Filipenses 4, Paulo se referiu à oferta da igreja de Filipos como *karpos* ou “fruto.”

Volte para João 12, verso 24:

Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto.

Veja que nesse verso Jesus novamente usa uma metáfora. Ele não diz que você deve ir e se enterrar

três metros debaixo da terra. Ele diz: “Quando sacrifica os seus próprios planos e sonhos por causa dos planos de Deus, sua vida é tida como proveitosa.”

Daí, existe também o fruto do Espírito em Gálatas 5, versos 22 e 23:

...amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio...

Creio que muitos discípulos se frustram porque buscam a coisa certa, mas da maneira errada. O fruto do caráter de Deus é a coisa certa, mas não podemos conseguir nada independente dele. Veja, de novo, João 15, verso 5, onde Jesus diz:

Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto...

Em outras palavras, “Se você buscar o fruto, nunca conseguirá nada; mas, se buscar um relacionamento íntimo comigo, produzirá frutos.” Assim, buscamos a Deus. Se o nosso objetivo for permanecer em Cristo, ele produzirá em nós o seu caráter com o decorrer do tempo. Ele mesmo prometeu isso. E isso acontecerá com todos os que permanecem nele, isto é, que andam com ele, desenvolvem um relacionamento com ele. Futuramente, produziremos as mesmas qualidades de Jesus.

Deixe-me ilustrar isso. Você nunca se sentou do lado de seu filho e lhe disse: “Certo, agora vou ensiná-lo a falar igualzinho a mim, com o mesmo sotaque. Vamos, repita comigo: ‘Porta’.” Mãe, você nunca deu aula particular à sua filha para ensiná-la a jogar o cabelo como você, ou como contar historinhas de bonecas assim como você conta. Pai, você nunca deu uma aula formal ao seu filho para que ele aprendesse a andar como você anda. Eles

aprendem isso com o decorrer dos anos ao permanecerem conosco. Algumas coisas você puxou de seu pai ou de sua mãe logo cedo quando criança, mas outras foram se desenvolvendo com o tempo.

A produção de fruto é resultado de um relacionamento, e não de um guia de devocional melhorado. Concentre-se em seu relacionamento e comunhão com o Senhor. Ele o ensinará, com o tempo, a falar como ele, a enxergar a vida como ele a enxerga e a andar como ele anda. E, quando isso acontecer, ficará claro que você mesmo não tem nada a ver com isso, a não ser sua disposição de andar com ele e ouvi-lo. Será a vida de Cristo fluindo através de você.

João 15.1–11: Resumo

Deixe-me resumir o assunto com duas declarações a respeito dessa passagem.

1. Primeiro, a produção de fruto não é uma recompensa por esforço próprio.

Em outras palavras, a produção de fruto é resultado do esforço de Cristo fluindo através dos crentes que se disponibilizam a atuar como ramos. O galho de uma árvore não “se esforça” para produzir fruto; ele apenas permanece na árvore e, por causa de sua ligação com a planta, desfruta das leis da sua natureza.

Veja as palavras fortes de Jesus no verso 16:

Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça...

Ou seja, “Eu escolhi você; eu o coloquei no seu lugar; eu sei do que precisa para cumprir sua responsabilidade. Pare de ficar olhando debaixo de

todas as folhas; pare de avaliar a natureza de seu galho. Olhe para mim!”

2. Segundo, a produção de fruto não é motivo para exaltação pessoal.

Veja novamente o verso 8:

Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos.

Faz sentido, não é? Se não fizemos nada além de só permitir que Cristo revele seu caráter através de nós, ele merece receber todo o crédito.

Corrie ten Boom escreveu o seguinte em forma de humor:

Um pica-pau batia o seu bico contra um tronco de árvore quando um raio caiu e partiu a árvore ao meio. Ele voou e disse: “Não sabia que tinha tanta força assim no meu bico!”

Ela acrescentou: “Não seja um pica-pau bobo. Saiba de quem a força vem e a quem pertence o crédito.”

O Senhor Jesus, na noite antes de ser crucificado, disse: “Senhores, permaneçam em mim. Se permanecerem em mim, produzirão frutos maravilhosos. Nunca adorem os frutos, somente a mim; nunca busquem simplesmente os frutos, busquem a mim e desejem intimidade comigo.” Quando assim fazemos, suas palavras se tornam realidade. Veja o verso 11:

Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.

A alegria é de quem, nossa? Nós criamos o ambiente para que isso possa acontecer? Não! Nessa metáfora, somos apenas ramos desfrutando de um relacionamento com a videira. Somos revigorados pela seiva que alimenta nossa vida e que é cheia de alegria.

Antes de terminar, quero compartilhar uma história que me ajudou melhor a entender o que significa permanecer em Cristo. James Montgomery Boyce contou um incidente ocorrido quando jantava com um pastor em uma conferência bíblica. Esse pastor lhe repassou algo que tinha visto. Ele falou que tinha visitado o Dr. Ussher, um notável cronologista bíblico, antes de ele morrer. Dr. Ussher sofria de uma doença que limitava bastante suas atividades. Entre as doenças, existia a inflamação nas articulações. Naquele domingo, o Dr. Ussher se sentou próximo à janela para pegar um pouco do calor do sol. Já perto do meio-dia, mudou-se de lugar para se expor ao sol e buscar o seu alívio. Ao final da tarde, sentou-se em outro lugar e viu o sol se pondo no horizonte. Dr. Ussher passou o dia permanecendo no sol.

A pergunta é simples: Onde está o nosso Sol, o Filho de Deus?” Cristo pergunta: “Você olhará para mim, me seguirá? Está disposto a produzir meu fruto em sua vida? Jesus diz que, se permanecermos nele, o Pai será glorificado e nós seremos alegrados. No fim, a causa de Cristo terá o potencial de frutos preciosos.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 18/09/1994

© Copyright 1994 Stephen Davey

Todos os direitos reservados